

CUSTO DE VIDA

Com carne mais cara, feijão vira protagonista

Inflação faz o consumo da proteína animal cair e brasileiros mudam o cardápio, substituindo o produto e, inclusive, aumentando o uso da leguminosa no prato

» ISABEL DOURADO*
» RAPHAEL PATI*

Nas prateleiras dos supermercados, o preço dos alimentos e, principalmente, o da carne bovina não param de subir. A proteína animal tem se tornado cada vez mais inacessível para ir à mesa das famílias brasileiras, que são acostumadas ao tradicional arroz, feijão e bife. O jeito, devido à carestia, tem sido mudar o cardápio, reduzindo o consumo da carne vermelha, ou até mesmo tirando de vez esse item do prato, e, no lugar, colocar uma concha a mais de feijão.

Em 2020, o consumo de carne bovina registrou queda de 10%, na comparação com o ano anterior. Esse dado representou a maior redução em 16 anos, conforme um estudo feito pelo especialista de consultoria agrícola do Itaú Unibanco, Cesar de Castro Alves. Levantamento do Datafolha aponta que 85% dos entrevistados diminuíram o consumo de algum alimento em 2021. Desse total, 67% reduziram o consumo de carne vermelha.

É o caso do motorista José Pacheco da Silva, 47, que cortou drasticamente a compra de carne. “Caiu uns 50% o consumo e a frequência também. Tenho tentado substituir a carne bovina por frango, porco e ovo. Eu compro muito feijão, mesmo estando mais caro agora”, explica o morador da Estrutural.

Moradora do Recanto das Emas, a aposentada Terezinha Bezerra, 70 anos, vem sentido o impacto da alta dos preços da carne e também procura a substituição quando o orçamento aperta. “A gente não deixa de comprar carne mesmo cara, porque não pode ficar sem, né? O preço está um absurdo não só da carne, mas de tudo. Às vezes, a gente troca a carne pelo frango, uma verdura e, assim, vai levando a vida. O feijão não pode faltar, mas a carne também não”, afirma.

Especialistas reconhecem que a queda de consumo de carne bovina e a substituição por outros alimentos ocorrem devido aos altos preços dos alimentos e ao desemprego elevado. Com a inflação batendo recordes, a desigualdade aumenta e os mais pobres são os que mais sentem essa carestia desenfadada.

E essa mudança é uma rotina

Isabel Dourado



O motorista José Pacheco da Silva diz que reduziu em 50% o consumo de carne vermelha

na vida do açougueiro Edilson Damasceno, 45, que observa diariamente uma tendência dos consumidores em substituir a carne vermelha pelas aves e, para não deixar de ter uma proteína no prato, alguns optam por opções mais acessíveis, como a carne moída.

“Os clientes estão trocando a carne bovina por frango. Ainda que elas também tenham aumentado o preço, não estão tão caras quanto a carne bovina. O que mais aumenta as vendas aqui é a carne moída. Ela está vendendo bastante, porque é mais barata e vem em menor quantidade, em uma bandeja pequena. E, aí, os clientes fazem essa troca”, conta Damasceno.

Pobreza

No ano passado, 27,6 milhões de brasileiros estavam na pobreza, segundo o último levantamento realizado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Ou seja, 13% das pessoas no país encerraram 2021 vivendo com até R\$ 290 por mês, o maior patamar desde 2012.

“Uma parte do aumento dos preços da carne vem do custo das rações, que também está subindo. Outra explicação está no preço do frete. Sabemos o quanto o diesel ficou mais caro e toda a

produção agrícola é escoada para os centros urbanos em cima dos caminhões. Então, uma parte desse frete mais caro se materializa em aumento no preço final para o consumidor”, afirmou André Braz, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre).

Outro fator que influencia a carestia da carne, segundo o economista do FGV Ibre, é a exportação. “Digamos que aqui as rações fiquem baratas e o frete já não seja mais um problema. Se o país está exportando muito para outros países, diminui a oferta de carne no mercado brasileiro e isso faz com que o preço suba. Então, essa dinâmica de exportação é algo importante que a gente deve ter sempre no radar”, explica.

Braz lembrou que, em 2021, foram exportadas pouco mais de um milhão e meio de toneladas de carne, gerando uma receita para o país de aproximadamente US\$ 8 bilhões. Desse total, quase a metade, 49%, da carne exportada pelo Brasil, no ano passado, teve como destino a China. O país asiático ainda chegou a suspender, por alguns meses, a compra da carne brasileira, devido às suspeitas de casos da doença “vaca louca” nos bovinos, o que ajudou a evitar uma disparada ainda maior nos preços em 2021.

Orçamento apertado

Para Rodrigo Stuckert, economista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, “com a inflação em alta e o desemprego ainda persistente, as famílias têm enfrentado um orçamento mais apertado, diminuindo o consumo de carne bovina”. Ele explica que a alta recente do custo desse alimento também tem relação com a guerra na Ucrânia, que aumentou os preços do milho e da soja, que representam boa parte dos custos de produção dos rebanhos, por meio da ração composta por esses cereais.

Segundo levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o preço da carne vermelha aumentou, em média, 9,98%, durante o ano passado. As outras proteínas que poderiam ser substitutas da carne bovina também sofreram alta. O preço dos ovos, por exemplo, disparou em 24,8%.

No entanto, de acordo com dados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), mesmo com esse forte aumento dos preços, o consumo do ovo de janeiro a agosto de 2021, foi quase 20% superior ao das proteínas provenientes do boi.

*Estagiários sob a supervisão de Rosana Hessel

Brasil S/A
por Antonio Machado

machado@cidadebiz.com.br



A política da farsa

Com a maior taxa de inflação mensal em 27 anos, de 1,73%, ou 12% em 12 meses até abril, 15% de aumento dos alimentos, variações não vistas desde 2003, o indulto ao deputado fanfarrão Daniel Silveira, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a quase nove anos de prisão, e seus ataques ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) são os truques de Jair Bolsonaro para se evadir de questões constrangedoras ao sonho de reeleição.

Difícilmente suas falas fazem sentido. Para quem vive a fazer a apologia do Ato Institucional número 5 (AI-5), de 1968, que deu poderes ditatoriais aos governos militares para fechar o Congresso, cassar mandatos de parlamentares, demitir juízes, confiscar bens privados, intervir nos estados, efetuar prisões sem mandado judicial e suspender habeas corpus, Bolsonaro é o que se vê: um indivíduo tosco, de pouco saber, eleito deputado várias vezes como uma espécie de sindicalista de militares de baixa patente do Rio.

Em seus 28 anos na Câmara Federal, só tinha a atenção da imprensa com declarações insultuosas às mulheres e ao disparar impérios, como quando sugeriu matar o então presidente Fernando Henrique Cardoso e elogiar o coronel torturador na ditadura Brilhante Ustra. Deputado do baixo clero do centrão a vida toda, elegeu-se presidente em 2018 como expressão de revolta do eleitorado com a política criminalizada pela Lava Jato e não pelos seus dotes.

Nunca foi exposto da vertente conservadora, que teve no período militar que ele admira quadros como o jurista João Leitão de Abreu, ministro da Casa Civil dos governos dos generais-presidentes Médici e Figueiredo. Culto, discreto, jamais contestado pelos generais aos quais serviu cientes de sua autoridade moral, Leitão de Abreu seria um líder natural da extrema-direita, conciliando autoritarismo com o nacional-desenvolvimentismo, e abafando os piores instintos dessa gente que chama Bolsonaro de mito e se identifica com suas posições racistas, homofóbicas, misóginas, subletradas.

Conforme o perfil esboçado pelo professor de Lógica da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) André Pontes, publicada antes de sua eleição em 2018, “Bolsonaro não é um mito, ele é um espelho da ignorância humana”.

Como qualidade, destaca-se que ele expõe o que pensa sem reservas, como fez ao voltar a pôr em dúvida a apuração dos votos nas urnas eletrônicas, sugerir a suspensão da eleição caso suspeite de algo e propor uma contagem paralela à do TSE pelas Forças Armadas. Aí foi demais até para seus cúmplices entre os caciques do centrão.

Centrão está desconfiado

Bolsonaro hoje está como unha e carne do centrão, a quem delegou a gestão dos gastos discricionários do governo e os principais postos em órgãos com orçamento gordo. Mas os oligarcas não se esqueceram de que ele passou os dois primeiros anos de seu mandato malhando-os como os grandes vilões nacionais, mais até do que batia em Lula.

É assim que foi interpelado pelos chefes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, seus aliados na divisão do “orçamento secreto” deste ano, de R\$ 16 bilhões, além de mais R\$ 30 bilhões de anos anteriores não liberados, formado com dinheiros dos impostos e da emissão de dívida pública. Nem eles endossaram o ataque ao TSE.

“O processo eleitoral brasileiro é uma referência”, tuitou Lira. “Pensar diferente é colocar em dúvida a legitimidade de todos nós, eleitos em todas as esferas. Vamos seguir, sem tensionamentos, para as eleições livres e transparentes.” Pacheco, mais cauteloso que o colega, disse que “não tem cabimento levantar dúvidas sobre as eleições”. Algo mais ambos estudam fazer.

Como prevenção para o caso de Bolsonaro voltar a vestir a fantasia de presidente antissistema, que já avacalhou o Congresso assim como hoje humilha a Corte suprema, os líderes políticos discutem a ideia de convidar observadores da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e de parlamentos da Europa e dos EUA para acompanhar a apuração dos votos. Militares não são parte dessa equação institucional em nenhuma instância.

Recessão à vista em 2023

Analistas ingênuos ou tementes de suas fontes palacianas avaliam a sem-cerimônia de Bolsonaro como sinal de confiança na reeleição. Há controvérsias. Apelar às Forças Armadas como sua guarda pretoriana pode indicar mais insegurança que bazófia para animar a militância. Com maioria de eleitores vivendo na pobreza e na extrema pobreza, a retórica extremista só agrada aos convencidos.

O que se insinua na economia é um segundo semestre muito difícil, provavelmente desembocando numa recessão em 2023, considerando-se o trabalho de Sísifo do Banco Central. Eleva os juros, cujos efeitos aparecem em seis a oito meses, para segurar a inflação, enquanto o Ministério da Economia trança as pernas com uma profusão de medidas eleitoreiras visando aquecer o consumo.

O que dizer da Medida Provisória, editada quinta-feira, elevando de 20% para 21% a CSLL (Contribuição Social sobre Lucro Líquido) dos bancos para bancar outro refinanciamento de dívida tributária? O custo dos empréstimos vai tornar-se ainda mais proibitivo.

“Qualquer percentual de aumento de imposto para os bancos impacta diretamente no custo dos empréstimos, que já estão caros”, reclamou o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Isaac Sidney. “A impressão que fica é que o governo gosta de inflação e não se importa com as consequências.” Crédito, exportação e investimento, pelo manual de boas práticas econômicas, não devem ser tributados.

Método para iludir tolos

Bolsonaro fala muito, todos os dias, e tuíta mais ainda, mas sobre o seu governo esconde o que não funciona. Isso tem método.

Veja-se o histórico de seus ministros da Educação: o primeiro mal falava português, o segundo não sabia escrever direito, o terceiro nem assumiu ao se achar omissões em seu currículo, o quarto era um pastor que pôs no gabinete dois outros pastores amigos de Bolsonaro para cobrar propinas de prefeitos. E por aí vai. E na economia?

Num dia, estende a validade dos fundos garantidores de crédito. No outro, onera a banca, que têm lucros fartos e condições de repassar os ônus tributários. Faz isso com o BC subindo a Selic para conter o estirão da inflação, que já contamina o cenário de 2023. Nada tem nexos. Ou é para incentivar a demanda, razão de outro corte do IPI, ou é para contê-la, como faz o BC. Cortar impostos rende aplausos, mas o governo deu calote no pagamento de precatórios a pretexto de faltar dinheiro para pagar o Auxílio Brasil de R\$ 400/mês.

Isso é obra de quem não tem compromisso com a eficácia econômica. O que virá adiante? Das urnas não se sabe. Da economia, estagnação ou recessão, mais aflição social, maior isolamento no mundo etc.

Alternativa nutricional vantajosa

Sempre presente no prato dos brasileiros, o feijão também pode ser uma saída mais em conta para quem não quer deixar de consumir uma boa quantidade de proteína nas refeições diárias.

Especialistas sugerem a troca da carne por outros produtos de origem vegetal para compensar a proteína animal. A nutricionista Camila Pessoa explica que a troca da carne vermelha pelo feijão é vantajosa pois ele supre plenamente os nutrientes que são oferecidos pela proteína animal e ainda supre outra substância importante para o nosso organismo, o ferro.

“A troca da carne pelo feijão é válida, pensando na quantidade de proteína e de ferro e já considerando a biodisponibilidade do ferro do feijão. Então, sete colheres de sopa de feijão equivalem a um pedaço de 100g de carne vermelha”, diz.

A nutricionista ainda destaca que uma boa dose de feijão por dia pode acarretar benefícios para a saúde do corpo, mas, segundo ela, se for consumida na quantidade correta. “Se o feijão estiver substituindo a carne como fonte de proteína é essencial que seja consumido na quantidade certa. A proteína é o nutriente essencial na construção

Isabel Dourado



A dona de casa Cláudia Tavares passou a comprar mais feijão

dos tecidos do corpo, músculos, células de defesa, e hormônios”, acrescenta.

Estudos recentes apontam uma elevação no consumo dessas sementes, em contrapartida com a redução da compra de carne. A empresa de inteligência de mercado Horus fez uma pesquisa a pedido do jornal Valor Econômico que mostrou que a presença do feijão nos carrinhos dos supermercados espalhados por municípios do Brasil cresceu de forma expressiva em pouco mais

de um ano, apesar da alta de quase 5% em fevereiro do tipo cariyoquinha. Em março, o produto esteve presente em 9,9% das compras. No início de 2021, os percentuais foram de 6,9% em janeiro, 6,8% em fevereiro e 7% em março.

A dona de casa Cláudia Tavares Costa, 48 anos, moradora da Estrutural, cortou o consumo de carne vermelha e passou a consumir mais feijão e embutidos. “Eu compro aqueles ossinhos que o açougueiro vende e

cozinho dentro do feijão, pelo menos, para poder sentir o gostinho da carne”, conta.

Perspectivas

De acordo com o economista André Braz, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), as perspectivas para o consumidor brasileiro nos próximos meses não são tão agradáveis. Ele aponta que, devido à proximidade de um período de estiagem no país, o produtor rural terá de comprar mais rações para manter o gado em forma, o que, consequentemente, eleva o preço da carne.

“Estamos entrando agora nos meses de estiagem, saindo do outono e entrando no inverno. À medida que o inverno se aproxima, o volume de chuvas diminui e isso piora as condições de pastagem. Com isso, os pecuaristas têm que entrar com rações para não perder muito a produção de leite, ou mesmo favorecer a perda de peso do gado. Então, para o gado não emagrecer, o produtor entra com ração e isso aumenta o custo. O que prolonga esse ciclo de carne com o preço mais alto por mais um tempo”, explica Braz. (ID e RP)